

HISTÓRIA

FORTALEZAS ROMANAS NO SUL DE PORTUGAL

Artigo do Dr. Manuel Maia (*)

É sabido que o início da ocupação militar romana da Península Ibérica se deu em 218 a.C. quando Roma, numa manobra militar de grande alcance estratégico, resolveu atacar a rectaguarda do exército cartaginês impedindo assim que a Hispânia fornecesse a Aníbal o apoio logístico que lhe era indispensável para, com as suas tropas mercenárias, dominar a Urba.

A narração exaustiva dessa guerra foi-nos fornecida pelo historiador grego Políbio, que, no século II a.C. assistiu na Ibéria às campanhas de Cipião Emiliano e ainda por Tito Lívio, historiador romano do século I a.C. e d.C, e a maior fonte de informação para o estudo da Roma pré-imperial. É através das narrativas destes autores que temos conhecimento de que, em 205 a.C., os romanos fundaram, nas margens do Guadalquivir, a sua primeira cidade em território hispânico, aquela que se irá chamar COLONIA AELIA AUGUSTA ITÁLICA, nas proximidades da actual Sevilha.

Não há notícias de contactos com o território hoje português em épocas tão recuadas como a Segunda Guerra Púnica. Desse período, e para a região do Sul de Portugal, apenas temos conhecimento de localização de dois exércitos cartagineses, notícia que é fornecida por Políbio. Assim, sabemos que um exército Púnico comandado pelo general Magão se encontrava entre os Cónios (habitantes do actual Algarve), e que Asdrúbal, filho de Giscão, à frente de outro grupo de tropas, se situava na desembocadura do Tejo.

Até 153 a. C., continuamos sem notícias de confrontos militares no Sul do nosso País, para além do que nos narra Apiano, ou seja, que os Lusitanos atacaram o país dos Cuneus (Cónios) por estes serem aliados dos romanos. Esta notícia é fundamental porque o facto de os Cónios serem, em 153 a.C., aliados dos romanos, significa que a influência de Roma já tinha penetrado profundamente nestes povos.

De 139 a.C. data a primeira grande operação militar romana no nosso País, a campanha de D. Junio Bruto contra os Galaicos.

A primeira intervenção militar romana no Sul do nosso território data da época da Guerra Civil Romana, lutas entre Mário e Sila, no início do século II a.C..

Convém neste ponto abrir um pequeno parêntese para explicar um acontecimento da nossa história cujo significado por vários motivos tem sido deturpado. Trata-se das guerras Sertorianas.

Sertório é-nos comumente apresentado como um herói da Independência Nacional, um cabo de guerra que, na península, lutou contra o domínio de Roma, um governante que teria Évora como capital.

Sertório não é, porém, um herói da independência, é um romano, partidário de um dos grupos que se digladiam na Itália, o de Mário ou Popular, que pretende, com o apoio de uma das mais ricas províncias do Império, a Hispânia, produtora de metais preciosos, derrotar o partido adversário, o de Sila ou Aristocrático. A grande importância desta guerra é o que ela significa para a História do mundo de então: o facto de a Hispânia estar de tal modo impregnada da cultura e da mentalidade romanas que voluntariamente se envolve numa luta interna da potência ocupante. Os que, na Península, se opõem a Sertório, e não são poucos, não são traidores à causa da liberdade peninsular, são sim opositores políticos do partido defendido por aquele general.

Apenas como nota explicativa convém dizer que Évora nunca foi capital de Sertório, cuja sede de Governo se situava no oriente hispânico.

A primeira intervenção armada romana, conhecida, no sul do território português, deu-se neste período das Guerras Sertorianas, cerca de 80 a.C., quando o consul Metelo decidiu pôr cerco a Laccobriga (Lagos), cidade partidária de Sertório. Esta operação militar que tinha por objectivo obrigar a cidade a render-se pela sede - Laccobriga não tinha água - foi, porém, gorada por iniciativa de Sertório que enviou para a cidade um numeroso grupo de homens transportando odres com o precioso líquido. Vendo frustrados os seus intentos, Metelo levantou cerco sem que se tenha travado combate.

No período de guerras que antecede a tomada do poder por Júlio César também não há, pelo que se conhece, qualquer combate ou campanha na região que, em Portugal se estende pelo Sul do Tejo. Esta vasta área estaria, portanto, totalmente pacificada.

Parece, contudo, poder datar-se deste período a fundação de alguns monumentos militares que nos últimos anos têm vindo por nós a ser localizados na região que de Aljustrel, se estende até Alcoutim.

Estas fortalezas, que, pelas suas dimensões se podem considerar torres de vigia, são constituídas por uma edificação central de planta quadrangular, com 13 ou 14 metros de lado, providas de muralhas cuja espessura oscila entre 1,5 e 2m e em volta da qual se podem desenvolver ou não outras edificações, nalguns casos rodeadas por nova muralha.

No concelho de Castro Verde situa-se o maior conjunto destas fortificações, constituindo por cinco monumentos implantados em pequenos cerros não muito distantes entre si.

Apesar de, já em 1971, termos realizado uma pequena campanha no Cerro do Castelo dos Namorados, a fortificação melhor conhecida, por aí já termos efectuado quatro campanhas de escavação, é a do Manuel Galo, no concelho de Mértola.

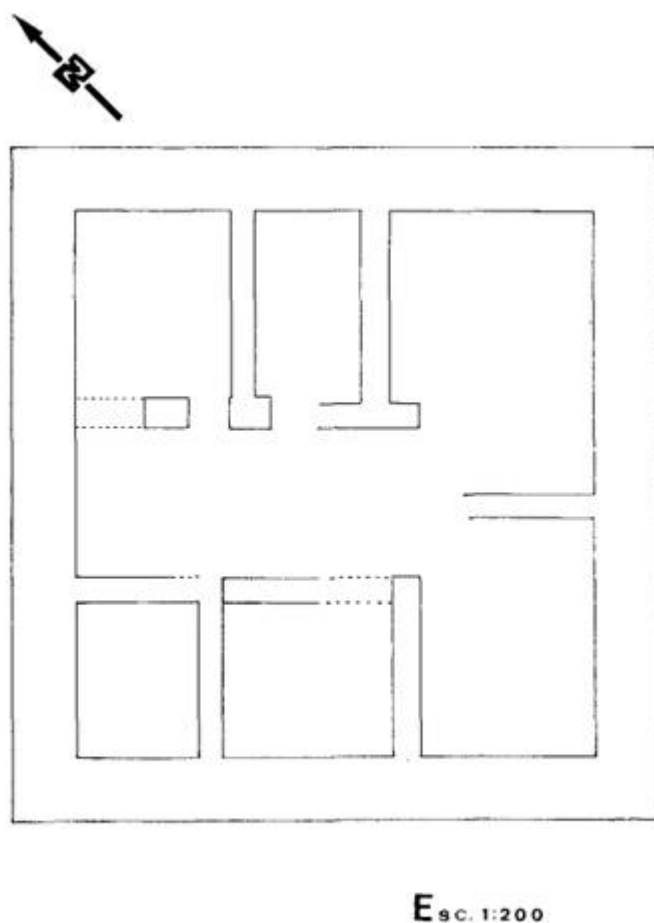


FIG. 3. *Planta do Castelo dos Namorados.*

Os trabalhos aqui realizados revelaram-nos que a construção da fortaleza deve ser datável do período de César, cronologia que, embora um pouco vaga, é testemunhada pela existência de materiais arqueológicos, nomeadamente cerâmica, atribuídos àquele período. O abandono, bem marcado por um estrato selado correspondente a um incêndio, deu-se nos inícios do século II a.C. e, facilmente se apercebe que esse abandono foi voluntário, pela inexistência de peças cerâmicas inteiras e pela ausência de objectos de valor sobre o solo, prova que não houve fuga precipitada ou combate dentro do monumento. Houve, sim, o propósito deliberado de abandonar um edifício cuja manutenção carecia já de significado.

A existência de uma construção militar edificada numa época em que, na região, já não havia qualquer foco insurreccional e abandonado em período tão tardio em relação à ocupação militar do território, começou a levantar inúmeros problemas, o menor dos quais será o motivo que levou à sua edificação.

Não sendo o castelo de Manuel Galo um monumento isolado mas sim uma construção de entre várias do mesmo tipo, tornava-se necessário proceder a sondagens noutros monumentos idênticos, numa tentativa de confirmar ou rejeitar estas cronologias.

Os materiais recolhidos nas prospecções de superfície indicavam-nos datações muito próximas das reveladas pelas escavações do Manuel Galo.

Necessitávamos, porém, de dados mais seguros que só nos podiam ser fornecidos por sondagens estratigráficas. Neste sentido, procedemos a trabalhos no Cerro do Castelo dos Namorados, com a colaboração da Câmara Municipal de Castro Verde. Os resultados confirmaram em parte os obtidos na fortaleza do Manuel Galo bem como os obtidos nas colheitas de superfície. Porém, se pela estratigrafia se confirmou uma data de abandono

contemporânea daquela que nos foi revelada pelas escavações da fortaleza do concelho de Mértola, o mesmo não aconteceu em relação à cronologia referente à construção. Para a fortaleza escavada em maior extensão, a do Manuel do Galo, a data de construção pode situar-se pelos meados do século I a.C., porém, quanto aos Namorados, o material recolhido não nos permite recuar a edificação do monumento para uma data anterior ao

Imperialato de Tibério.

Esta diferença de cronologia, que não deixa de ser surpreendente, faz-nos pensar na hipótese de estarmos perante monumentos de finalidade diversa, o que só poderá vir a ser confirmado ou rejeitado depois de novas sondagens nas restantes fortalezas da área de Castro Verde, trabalhos que esperamos realizar no ano de 1981 se, para tanto, nos forem concedidos os apoios necessários.

Não é ainda possível determinar com rigor o motivo que levou à construção destas fortalezas. Entre os vários factores que podem ter conduzido à edificação destes monumentos militares, os que nos parecem mais plausíveis, atendendo à região em que se situam, parecem ser a defesa de regiões ricas em minério ou a defesa das vias de escoamento dos metais para o Guadiana, de onde se faria o seu embarque para Roma.

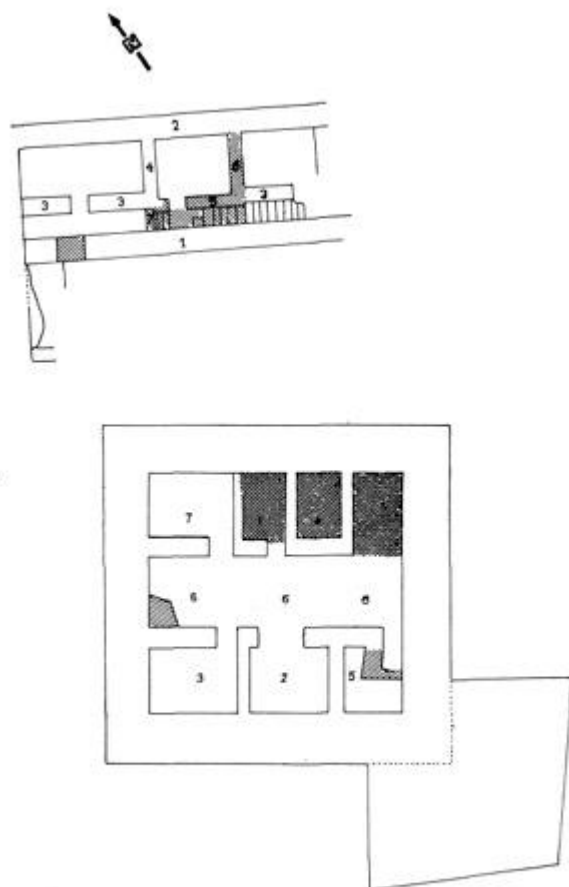


FIG. 4. Planta do Castelo do Manuel Galo.

Aguardamos que os próximos trabalhos arqueológicos nos venham a resolver estes problemas.

(*) *Professor de Arqueologia Clássica na F.L.L., responsável pelas escavações arqueológicas no Castelo dos Namorados.*